

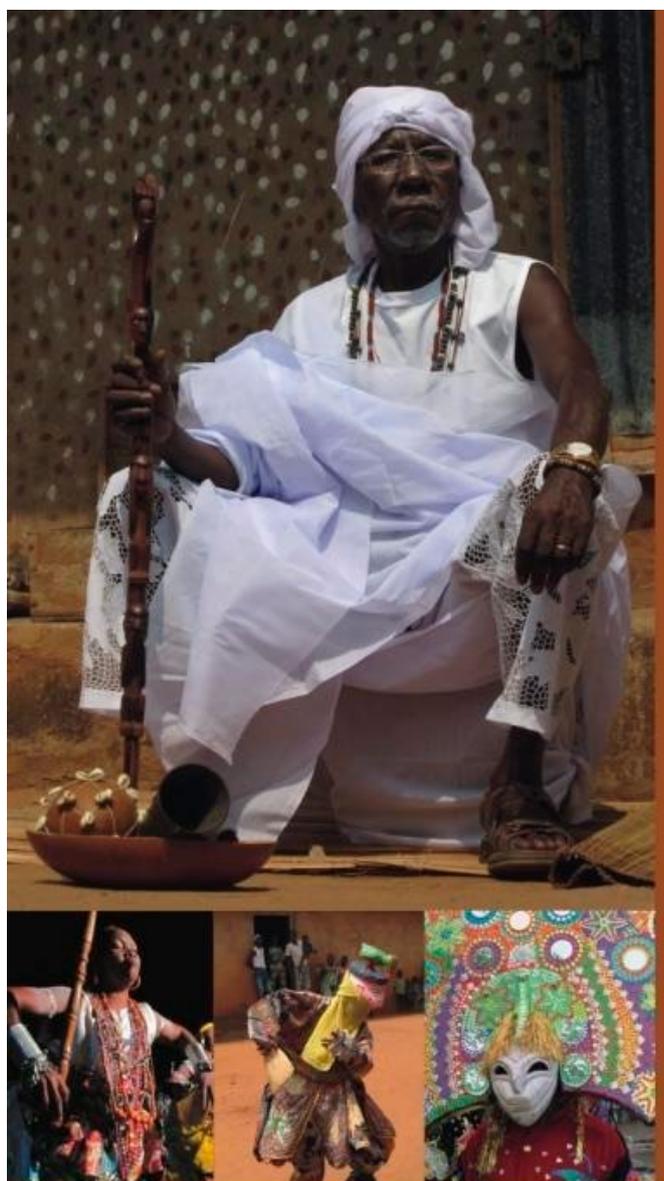
PEDRA DA MEMÓRIA

DOI
dx.doi.org/10.11606/issn.2525-
3123.gis.2020.163067

Amaral, Renata. 2012. *Pedra da Memória*:
Euclides Talabyan, minha universidade é o tempo.
São Paulo: Maracá Cultura Brasileira.

ORCID
orcid.org/0000-0003-2326-2620

ANDREA SILVA D'AMATO
Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
07252-312 - poscienciassociais@unifesp.br



O livro *Pedra da memória: Euclides Talabyan, minha universidade é o tempo*, de autoria da pesquisadora Renata Amaral, foi publicado¹ em 2012 e faz parte de um projeto maior, que engloba também um documentário em vídeo² e uma exposição que percorreu várias cidades brasileiras. A publicação trilingue (português, inglês e francês) tem capa dura, formato quadrado (29 cm × 29 cm), 240 páginas e impressão de alta qualidade.

A primeira metade traz textos de apresentação e um belo ensaio fotográfico. As imagens dominam as páginas e conduzem a narrativa, carregada de cores sedutoras e retratos bem realizados. Trata-se de uma investigação poética que busca aproximações e particularidades presentes em elementos da religiosidade e da cultura popular no estado do Maranhão e no Benin³, país da África ocidental.

No virar das páginas nosso olhar passeia por cenas de brincantes em diversos folguedos brasileiros, como o bumba-boi e o maracatu rural, colocadas ao lado de rituais Vodun, Geledé e do culto Egungún⁴ fotografados do outro lado do Atlântico. O percurso visual culmina com as festividades realizadas pelos Agudás, descendentes de ex-escravizados que retornaram ao Benin e hoje compõem a população do país, espalhando por lá elementos da cultura brasileira que influenciaram a arquitetura, a culinária, as artes e outros aspectos da cultura beninense. O ensaio fotográfico é acompanhado por delicados desenhos do artista Carybé⁵ e de algumas frases soltas, textos-lembranças de Euclides Taylaban, falecido em 2015, babalorixá da Casa Fanti Ashanti, um dos mais importantes centros afroreligiosos do Maranhão e referência da cultura jeje-nagô no Brasil.

Uma das imagens mais imponentes do livro ilustra a página 15: um retrato de Pai Euclides na cerimônia de sua titulação, como convidado de honra em um ritual restrito da coletividade Avimadjenon, em Ouidah, Benin. Na página ao lado, um trecho extraído do livro *Itan de dois terreiros nagô* (2010), de autoria do próprio Pai Euclides, nos conta de seu sonho acalentado por um longo período: conhecer a África. E ainda

1. A publicação contou com patrocínio da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf) e incentivos do Programa de Ação Cultural (ProAc) do Governo do Estado de São Paulo por meio da Secretaria de Estado da Cultura e do Programa de Ação Cultural 2011.

2. Com duração de 58 minutos, o documentário tem roteiro e direção de Renata Amaral, produção, consultoria e tradução de Brice Sogbossi. O filme recebeu o Prêmio Interações Estéticas da Funarte/MinC e o prêmio de melhor documentário no Festival Guarnicê. Em 2012, foi selecionado para a mostra competitiva do Festival de Cinema do Recife. O DVD é encarte do livro (<https://www.youtube.com/watch?v=aSHAKiH6ixI>).

3. Antigo reino do Daomé, berço das tradições de culto à ancestralidade, base das religiões de matriz africana no Brasil.

4. Rituais e cerimônias que cultuam a ancestralidade na costa da África ocidental.

5. Assinatura artística de Hector Julio Páride Bernabó (1911-1999), argentino, naturalizado brasileiro e radicado em Salvador. A cidade e suas diversas manifestações culturais, como a capoeira, o samba de roda e o candomblé influenciaram sua produção e marcaram fortemente a sua obra.

fala de forma comovente sobre sua ligação com o sacerdote Dah Daagbo Avimadjenon Ahouandjinou, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente. Por meio de uma residência artística⁶, o projeto Pedra da Memória viabilizou esse sonho e tornou possível o encontro entre os dois mestres.

Ao longo de cinco semanas, Renata Amaral, Brice Sogbossi (antropólogo beninense radicado no Brasil), Pai Euclides e mais dois membros da Casa Fanti Ashanti – a iyakekerê Isabel Onsemawyi e o Ogan Carlos – visitaram as cidades de Cotonou, Abomei, Ketou, Porto Novo, Ouidah, Allada, Pobe e Sakete. O trabalho é resultado das experiências vividas durante a estadia no Benin e de outras seis semanas na Casa Fanti Ashanti, no Maranhão, bem como do acervo pessoal de Renata, dedicado a estudos visuais e sonoros de cultura popular em diversos estados brasileiros.

A partir da página 120 as fotografias cedem lugar às palavras. As imagens se tornam coadjuvantes do texto em primeira pessoa, que revela as memórias de Euclides Talabyan. As sensíveis lembranças nos conduzem por caminhos que levam aos primeiros anos de Pai Euclides, sua infância e iniciação no candomblé, remontando a histórias de antigos terreiros, à formação da Casa Fanti Ashanti e à ligação de Talabyan com a cidade de São Luís e diversas festas populares do Maranhão. Um pouco adiante estão as fotografias realizadas durante a Missão de Pesquisas Folclóricas organizada por Mário de Andrade⁷ em 1938, e que acionam tais recordações⁸.

A relação imagem e palavra permeia a obra em busca de uma memória ancestral. No prefácio do livro, Walter Garcia, músico e professor da USP, já nos orienta: “Numa religião ligada à ancestralidade a memória é o cerne do conhecimento”, e complementa: “A resistência da pedra é maior quando a sua concretude, sem deixar de ser compacta, sabe se tornar porosa”. Neste sentido, em um primeiro momento, a edição fotográfica sugere um caminho mais poroso, permitindo associações mais soltas e livres de uma ancestralidade cultuada em gestos, danças e ritos, aqui e acolá, no Brasil e em África. Enquanto o texto, no segundo momento, marcado e acionado por imagens de arquivo, nos direciona para a densidade das memórias que carregam uma história pessoal. O individual e o coletivo se unem nesse percurso entre palavras e imagens, e a impressão que fica é que Pai Euclides, ao frequentar a universidade do tempo, soube tornar-se pedra.

6. Prêmio Interações Estéticas da Funarte.

7. A Missão de Pesquisas Folclóricas foi organizada por Mário de Andrade em 1938, quando foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo (<http://centrocultural.sp.gov.br/site/desfrute/colecoes/missao-de-pesquisas-folcloricas/>).

8. Segundo Renata Amaral: “Pai Euclides, apesar de ter 1 ano de idade por ocasião desses registros, teve uma relação muito direta com o Terreiro Fé em Deus, da sacerdotisa Maximiana Silva, registrado pela Missão em 1938, pois sua tia e mãe de criação Isaura era dançante desse terreiro e, portanto, o frequentou desde bebê, tendo convivido com essas pessoas nos anos seguintes. Dos cerca de 20 informantes listados pela Missão, apenas três ele não foi capaz de reconhecer” (<https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9877>).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, Renata. 2012. *Pedra da Memória*: Euclides Talabyan, minha universidade é o tempo. São Paulo: Maracá Cultura Brasileira, 240p.
- Amaral, Renata. 2013. O Boi e a Pedra, duas temporadas de residência artística na Casa Fanti Ashanti. *RIGS: revista interdisciplinar de gestão social*, vol. 2, nº. 2: 207-233.
- Dias, João Ferreira. 2016. "Candomblé is Africa": forgetfulness and Utopia in the Candomblé jeje-nagô. *Cadernos de História*, vol. 17, nº. 26: 64-82.

ANDREA SILVA D'AMATO é mestranda em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Tem pós-graduação com especialização em Fotografia pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e graduação em Comunicação Social pela Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisadora integrada do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas (Visurb), vinculado à Unifesp. Seu trabalho aproxima procedimentos antropológicos e artísticos, expandindo o valor de uso das fotografias para outras possibilidades narrativas. Tem experiência nas áreas de comunicação, jornalismo, produção editorial, arte e antropologia, com ênfase em antropologia da imagem, atuando principalmente nos seguintes temas: artes visuais, fotografia contemporânea, narrativas visuais, livros de artista, viagens, memória e ancestralidade. E-mail: andrea@andreadamato.com.br

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 09/10/2019

Aprovado em: 06/12/2019